

ROMEU E JULIETA EM QUADRINHOS: UMA TRADUÇÃO SEMIÓTICA

CURVELO, Amanda (PPGL-UFPB)
OLIVEIRA, Elinês (orientadora)

Resumo: Nos últimos anos, as histórias em quadrinhos (HQs) vêm se interessando por adaptar obras do cânone literário. A tragédia de *Romeu e Julieta* de Shakespeare, por ser bastante difundida mundialmente, desfrutou de várias traduções por diversas formas de arte e, inclusive, pelos quadrinhos. Essa transposição de signos, de uma determinada forma de arte para outra, é conhecido como tradução intersemiótica. Segundo Jakobson (1995: p.65), a tradução intersemiótica *consiste na interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais*. Posteriormente, Plaza (2003), bebendo da fonte de Jakobson, acrescenta que a tradução também pode ser feita *de um sistema de signos para outro, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema ou a pintura*. Portanto, com ao objetivo do estudo da transposição de signos da tragédia de *Romeu e Julieta* para o gênero dos quadrinhos, propomos uma análise dos recortes da famosa cena do balcão nos quadrinhos e suas resignificações.

Palavras-Chaves: *Romeu e Julieta*, quadrinhos, semiótica, intersemiótica.

Conhecendo o gênero *Quadrinhos*

O gênero *quadrinhos* popularizou-se desde o início do século passado. Os temas abordados como heróis, aventuras, heróis cômicos, temas políticos chamavam a atenção dos leitores modernos, além de adotar uma técnica inovadora de narrar histórias devido a união do visual e do verbal.

Tal inovação, acarretou na incompreensão da linguagem e do formato dos quadrinhos, no ponto de vista literário, gerando um estranhamento e, por fim, tornando-se um gênero *problemático*. Muitos críticos argumentam que os quadrinhos são desprovidos de ideias, e por utilizar-se de imagens, não estimula a cognição do leitor. Will Eisner, famoso pesquisador do gênero e autor do livro *Narrativas Gráficas*, discorda de tal pensamento:

Quando é empregada como veículo de ideias e informação, essa linguagem [o quadrinho] se afasta do entretenimento visual desprovido de pensamento. E isso transforma os quadrinhos numa forma de narrativa. (Eisner, 2008,p.10)

Partiremos, então, para o conceito de quadrinhos. Scott McCloud (1995, p.9) define *os quadrinhos como imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador*. A resposta do espectador, a qual McCloud se refere, seria a leitura crítica. Portanto, a leitura dos quadrinhos não é vazia. Pelo contrário, os temas abordados nos quadrinhos exigem um conhecimento prévio e olhar crítico para interpretar/traduzir os signos imergidos tanto nas linguagem verbal e não-verbal.

Outro fato essencial para a compreensão do gênero dos quadrinhos, é entender o próprio nome que leva o gênero. Na verdade, o nome *quadrinho* é um hipergênero, o qual *agrega diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades* (RAMOS, 2010).

Com a evolução do universo midiático e da tecnologia, os quadrinhos vêm gerando cada vez mais novos subgêneros. Por esse motivo, há vários subgêneros dos quadrinhos: *Cartoon* ou charge, tirinhas, história em quadrinhos, *graphic novels*, *webcomics*, mangá.

Nesse trabalho, iremos focar na análise de três *graphic novels*, sendo uma delas um cruzamento entre *graphic novel* e mangá, estilo de quadrinho japonês.

O subgênero da *graphic novel*, é um estilo de quadrinho o qual se interessa em adaptar obras do cânone literário. Como Eisner afirma em seu trecho, a seguir:

A ascensão e o estabelecimento dessa extraordinária forma de leitura que chamamos de revista em quadrinhos se deu ao longo de mais de 60 anos. As revistas em quadrinhos evoluíram rapidamente da compilação das tiras pré-publicadas em jornais para as histórias completas e originais e, depois, para *graphic novels*. Esta última transformação impôs uma necessidade de sofisticação literária por parte do escritor e do artista maior do que nunca. (Eisner, 2008, p.7)

E mais:

Entre 1965 e 1990, os quadrinhos começaram a procurar um conteúdo mais literário. Isso começou com o movimento underground de artistas e escritores criando o mercado de distribuição direta. Isso foi seguido pelo surgimento das lojas especializadas em quadrinhos, que facilitaram o acesso a maior número de leitores. Foi o começo do amadurecimento do meio. Por último, os quadrinhos procuraram tratar de assuntos que até então haviam sido considerados como territórios exclusivos da literatura, do teatro ou do cinema. Autobiografias, protestos sociais, relacionamentos humanos e fatos históricos foram alguns dos temas que passaram a ser abraçados pela história em quadrinhos. As *graphic novels* com os chamados “temas adultos” proliferaram e a idade dos leitores aumentou, fazendo com que o mercado interessado em inovações e temas adultos se expandisse. Acompanhando essas mudanças, um grupo mais sofisticado de talentos criativos foi atraído para essa mídia e elevou seus padrões (Eisner, 2008, p.8).

A *graphic novel*, por ser um gênero com interesse literário, vêm resignificando várias obras reconhecidas mundialmente. Nesse artigo, estudaremos os recortes da cena do balcão de *Romeu e Julieta* resignificada para o gênero dos quadrinhos.

Algumas resinificações de Romeu e Julieta

Tendo em mente que toda arte é uma resignificação, podemos concluir que a própria obra de *Romeu e Julieta* de Shakespeare é fruto de várias traduções. Ou seja, o mito de *Romeu e Julieta* vem de muito antes do teatro Shakespeariano. A primeira obra divulgada, de que se tem conhecimento, é datada de 1460 escrita por Masuccio Salernitano.

Nessa obra, os conhecidos Romeu e Julieta são chamados de Mariotto Mignanelli e Gianozza, os quais caem no infortúnio de se apaixonar e pertencer a famílias inimigas. Mesmo diante do empecilho, eles se casam com a benção do frade local. Logo após o casamento, Mariotto se envolve em uma desavença e termina

assassinando um nobre homem. Como punição, Mariotto é expulso de sua cidade, deixando Gianozza aflita por ser obrigada, pelo seu pai, a casar-se com outro homem. Padecendo do sofrimento de Gianozza, o frade tenta ajudá-la oferecendo-a uma porção que a deixaria como morta por algum tempo. A família, sem ter noção do acontecido, sepulta Gianozza no túmulo da família. Enquanto isso, Mariotto recebe a notícia de que Gianozza tinha falecido e retorna para Siena antes que o frade o alcance com o objetivo de contar-lhe a verdadeira história. Em Siena, Mariotto é perseguido e executado. Gianozza, ao acordar do seu sono fraudulento é anunciada da morte do seu amado. Por esse motivo, Gianozza internou-se em um convento, no qual morreu de tristeza (McDonald *et al.*, 2010).

A partir da obra de Masuccio Salernitano, vários autores começaram a resignificá-la. Um dos primeiros escritores conhecidos foi Da Porto, o qual adapta a estória renomeando para *Giuletta e Romeo*. Após Da Porto, Matteo Bandello publica sua própria versão, também denominado de *Giuletta e Romeo*, porém a sua obra se popularizou ao ponto de ser traduzida para a língua inglesa. Com a tradução para o inglês, a estória se disseminou na Inglaterra, surgindo, então, o poema de 3.020 linhas escrita por Arthur Brooke chamado *A trágica história de Romeu e Julieta* (McDonald *et al.*, 2010). Bárbara Heliodora, famosa pesquisadora e tradutora brasileira das obras de Shakespeare, discursa em seu livro *Por que ler Shakespeare?* sobre o poema de Arthur Brooke:

O poema é longo e tedioso, porém fez sucesso na época. Uma “Advertência para os leitores” e um soneto ressaltam a essência moralizante da obra, que atribui a morte do jovem casal ao fato de Julieta desobedecer à mãe e ouvir conselhos não só da Ama como de frei Lourenço (Heliodora, 2008, p.49).

Com o sucesso da obra, Shakespeare se serviu do poema de Brooke para escrever uma das suas mais célebres tragédias. Portanto, com o passar dos séculos, a arte vai sendo (re)inventada e resignificada, pois, como dizia Pierce, o ser humano é um animal semiótico.

A tradução intersemiótica da peça *Romeu e Julieta* para os quadrinhos: a cena do balcão

Partindo da premissa que a teoria semiótica nos ensina a compreender/interpretar o mundo. Tentaremos, nesse capítulo, modelizar o estudo da peça de *Romeu e Julieta* e sua transposição para os quadrinhos em uma perspectiva semiótica. Para isso, precisamos conceber, primeiramente, o conceito da tradução intersemiótica.

Roman Jakobson (2008), em seus estudos sob a linguística e a comunicação, postula a ideia de três tipos de traduções: intralingual, interlingual e intersemiótica. A tradução intralingual consiste em traduzir signos verbais de uma determinada língua por meios de outros signos da mesma. Já a tradução interlingual é a transposição dos signos de uma língua para outra. E finalmente, a tradução intersemiótica que é a interpretação de signos verbais para signos não verbais.

Bebendo da fonte de Jakobson, Julio Plaza (2003) acrescenta que a transposição de signos, na tradução intersemiótica, não precisa ser somente para linguagem não-verbal. Essa transmutação pode ser feita para gêneros que fazem o uso

de ambas as linguagens: verbal e não verbal. Como por exemplo o teatro, o cinema e, é claro, os quadrinhos.

Tendo em mente a teoria da tradução intersemiótica, partiremos para o estudo da transposição dos signos da peça de *Romeu e Julieta* para os quadrinhos. O nosso corpus abrange a peça de *Romeu e Julieta* e três edições de *graphic novels* homônimas da obra Shakespeariana.

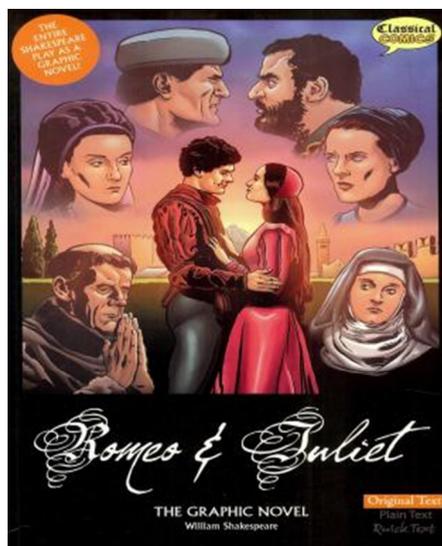


Ilustração 1: Capa do quadrinho *Romeo and Juliet*, em formato americano, adaptado por McDonald et al., 2010

A primeira obra escolhida (McDonald *et al.*, 2010) é uma versão americana que faz uso do texto dramático shakespeariano. Nesse quadrinho os criadores tentam se manter no foco usado por Shakespeare, por exemplo, trazendo consigo a Itália do século XVI como pano de fundo, ilustrando seus costumes e tradições.

A segunda obra (Leong *et al.*, 2007) é uma versão em mangá, estilo de quadrinho japonês, traduzido para uma linguagem (verbal e não-verbal) contemporânea. Percebe-se nesse mangá referências claras a cultura japonesa, bem como elementos comuns da contemporaneidade. Esse quadrinho é escrito em língua inglesa que, apesar do estilo contemporâneo, mantêm alguns códigos linguísticos típicos do século XVI para remeter o texto dramático shakespeariano.

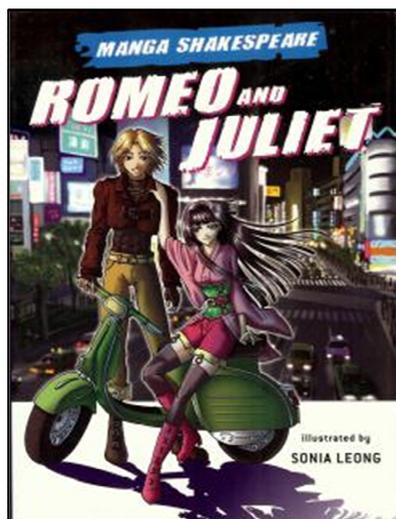


Ilustração 2: Capa do quadrinho Romeo and Juliet versão mangá adaptado por Leong et al., 2007

A terceira obra é uma adaptação feita pelo conhecido ilustrador e criador de quadrinhos, Maurício de Sousa. Nela, ele utiliza seus conhecidos e principais personagens, Mônica, Cebolinha, Magali e Cascão para resignificar a obra de *Romeu e Julieta*. O quadrinho é voltado para o público infantil, o que não impede, também, de deleitar adultos, principalmente para aqueles que conhece Shakespeare. Se Romeu e Julieta em Shakespeare é uma tragédia, em Maurício de Souza é pura comédia. A comicidade é a parte essencial deste quadrinho, por, justamente, ser voltado para o público infantil, o que o difere dos demais quadrinhos citados anteriormente.

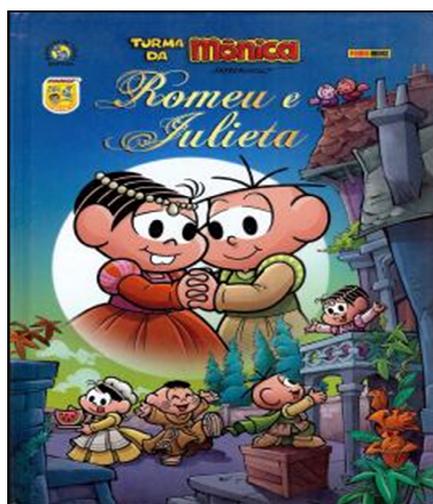


Ilustração 3: Capa do quadrinho Romeu e Julieta adaptado por Maurício de Sousa

Partindo para análise da cena do balcão, é interessante observar as resigificações expostas por cada quadrinho, pois todos possuem um sistema de signos singular, influenciados pela cultura.

Como já dissemos anteriormente, o quadrinho americano (Ilustração 1) tenta se manter firme na cultura e tradição italiana. Contudo, o formato do quadrinho é tipicamente americano, o traço do desenhista, os desenhos com a arte em cor são signos os quais revelam a origem dos criadores.



Ilustração 4: Cena do balcão, Romeo and Juliet formato americano

Na cena do balcão, o quadrinho americano, nos apresenta um ar obscuro, signo da tragédia que está por vir, apesar das juras de amor do jovem casal.

Já na cena do balcão, no quadrinho japonês, podemos perceber vários elementos da contemporaneidade. Os prédios, ao fundo, em perspectiva, e o balcão, que na verdade é uma varanda de um apartamento, são, indubitavelmente, signos de uma cidade moderna, justamente pelo *setting* ser em *Tokyo*, Japão. Outros elementos marcantes são as roupas dos personagens e a linguagem verbal os quais nos apresentam um cruzamento entre o passado e o presente.



Ilustração 5: Cena do balcão de Romeo and Juliet, versão mangá

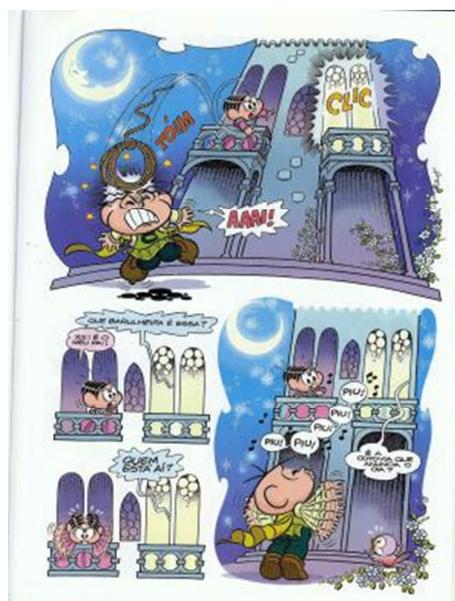


Ilustração 6: Cena do balcão de Romeo and Juliet na criação de Maurício de Sousa

Na perspectiva de Maurício de Sousa, a cena do balcão, possui um colorido mais intenso e há, também, o intertexto dos seus personagens, pois trazem consigo a personalidade exposta nos outros quadrinhos da *Turma da Mônica* escritos pelo criador. Exigindo que o leitor tenha um conhecimento prévio das duas obras.

Conclusão

O gênero dos quadrinhos, apesar de não ser tão estudado no âmbito literário. Merece uma maior atenção dos pesquisadores. Por ser um gênero que nos fornece uma linguagem tão complexa. Com o surgimento do interesse da adaptação de textos literários, as resignificações vêm surgindo constantemente. Sugerimos, aos pesquisadores, os quais estão lendo esse artigo, uma maior atenção para esse gênero emergente. Nas traduções intersemióticas vistas nesse artigo, podemos conceber o quão maravilhoso e surpreendente é o universo das histórias em quadrinhos. Através delas, podemos percorrer no universo de outras culturas e tradições. Dando-nos a oportunidade de produzir os mais variados estudos.

REFERÊNCIAS

- HELIODORA**, Bárbara. *Por que ler Shakespeare?*. São Paulo: Globo, 2008.
- JAKOBSON**, Roman. *Linguística e comunicação*. 15 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- LEONG**, Sonia., **APPIGNANESI**, Richard., **HUCKLE**, Andy., **SOMOGYI**, Nick., **HAYLEY**, Emma. *Romeo and Juliet*. China: Amulet Books, 2007.
- MCCLOUD**, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 1995.
- McDONALD**, John., **SANDERS**, Joe., **VOLLEY**, Will., **DEVLIN**, Jim., **CAMPBELL**, Jim., **PLACENTINO**, Jenny., **WHEELER**, Joe., **BRYANT**, Clive. *Romeo and Juliet: The Graphic Novel, Original Text*. United Kindgon: Classical Comics Ltd. 2010.
- PLAZA**, Julio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- RAMOS**, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2007.
- SHAKESPERARE**, Willian. *Romeu e Julieta; tradução de Bárbara Heliadora*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- SOUSA**, Maurício de. *Turma da Mônica: Romeu e Julieta*. Barueri, SP: Panini Brasil, 2009.